

Negociação: credores em desacordo.

O Fed (Federal Reserve Board, o banco central dos Estados Unidos) e os bancos particulares norte-americanos têm posições diferentes a respeito da tese da capitalização dos juros dos países devedores do Terceiro Mundo, segundo apurou ontem, em Nova York, nosso enviado especial Marco Antônio Rocha.

Paul Volcker, presidente do Fed, tem um interesse quase particular em encaminhar o mais rapidamente possível uma solução para essa questão, pois isso significaria na prática a desvinculação da política monetária interna dos Estados Unidos do problema dos países devedores. O Fed, por assim dizer, ficaria com as mãos mais livres.

Os bancos particulares, contudo, têm outra visão. Eles têm advertido à comunidade devedora que a tese da capitalização pode ser uma faca de dois gumes. Isto porque, caso seja feita a capitalização dos juros, parcial ou não, eles passarão a fazer parte do principal da dívida e, consequentemente, os bancos aumentarão seus passivos em relação

aos países devedores. Com isso, os bancos serão obrigados, por praxe e também por lei, a diminuir suas operações ativas. Ou seja: eles passariam a oferecer menos recursos para empréstimos. Assim, o imediato a capitalização significa uma redução do pagamento dos juros, o que é bom, mas a um prazo médio pode representar também uma limitação da oferta de crédito, o que é ruim para os devedores.

Além disso, há uma outra dificuldade que torna a capitalização dos juros um processo demorado e complicado demais. É que, para sua adoção, seria necessária uma modificação dos regulamentos do Fed e de legislações norte-americanas, o que significa remeter a questão ao Congresso. Na visão dos bancos, então, a capitalização só seria viável numa segunda etapa.

Numa primeira etapa, mais de imediato, eles admitem conversar a respeito da redução dos spreads (taxa de risco paga acima dos juros normais), do aumento do prazo de carência e ainda do aumento do

prazo total das dívidas. Isso é mais factível, segundo os bancos, porque a América Latina como um todo — isto é, os países devedores do continente — possui atualmente um saldo comercial favorável de 30 bilhões de dólares. Esse dado seria um argumento favorável para os bancos obterem o consentimento de seus acionistas para a concessão daquelas mudanças.

Nosso enviado especial apurou ainda que os banqueiros particulares dos Estados Unidos são da opinião de que a prime rate deve aumentar ainda mais nos próximos três meses, passando dos atuais 12,5% para 14 ou até 15%.

Por outro lado, circulou ontem em Nova York a informação de que o grupo Brasilinvest estuda a realização de uma joint-venture com a Sears World Trade, trading do grupo Sears, para cuidar especialmente da exportação de produtos brasileiros para os Estados Unidos e outros países. Os setores de mobiliário e utilidades domésticas seriam os mais visados, inicialmente, para os negócios.